

## Neurofobia: impacto na saúde e estratégias para a prevenção

### *Neurophobia: impact on health and prevention strategies*

Charles Maroly Lessa Mantovani<sup>1</sup> 

No Brasil, o número de doenças neurológicas tem crescido substancialmente nas últimas décadas, tendo como exemplo as doenças cerebrovasculares, que estão entre as principais causas de óbitos no país. Além disso, projeções mundiais mostram que em 2030 as desordens neurológicas representarão 7% de todas as doenças, 12% dos óbitos e 14% dos anos perdidos por incapacidade, resultando em grande impacto na saúde pública mundial.<sup>1,2</sup>

Em contraste a esse quadro, o número de neurologistas no país não cresce em consonância. Dados mostram que em algumas regiões brasileiras o total de neurologistas na população é menor que 1 especialista por 100.000 habitantes. Esse panorama não é exclusivo do Brasil, pois, quando se avalia a literatura, observa-se esse cenário em todo o mundo.<sup>1,2</sup>

Nesse contexto, em 1994, o neurologista americano Dr. Ralph Józefowicz criou o termo “neurofobia” para representar esse fenômeno cada vez mais observado atualmente.<sup>3</sup> Esse termo define o medo dos estudantes de medicina, e consequentemente de médicos recém-formados e de outras especialidades, de temas relacionados à neurociência e à neurologia clínica.<sup>1-3</sup> Diante desse quadro e de seu impacto na saúde mundial, foram analisados dados de artigos recém-publicados mostrando formas de se reconhecer e lidar com essa “epidemia” conhecida como *neurofobia*.<sup>1-3</sup>

O primeiro desses artigos é um estudo transversal, realizado em quatro escolas de medicina da região Norte do Brasil, apresentando os primeiros dados sobre *neurofobia* no país. Nesse estudo, foram avaliados estudantes de diversas etapas do ensino médico quanto ao nível de interesse, dificuldades e qualidade de ensino em sete especialidades médicas, entre elas a neurologia. Além disso, posteriormente questionou-se sobre o motivo da aversão à neurologia pelos alunos.<sup>3</sup>

Foi respondido um total de 486 questionários, sendo possível observar que a neurologia foi a disciplina considerada mais difícil e a que os alunos afirmaram possuir menor confiança para o exame clínico. Esse fato foi justificado principalmente pela necessidade de se saber neuroanatomia e neurofisiologia (39,4% dos entrevistados), sendo mais frequente essa justificativa nos alunos do internato.<sup>3</sup>

Outro dado importante do estudo refere-se à frequência de alunos que tinham como primeira opção de escolha a neurologia, que decresce com o passar das etapas da graduação médica, sendo que nos primeiros dois anos o interesse era de 22% e no sexto ano, 15,3%, e o contrário também foi observado, o desinteresse na especialidade aumenta quando se compararam os primeiros anos com os anos finais da faculdade. Uma justificativa para esse fato pode ser a grande distância observada nos currículos das escolas de medicina entre o ensino da neurociência básica (neuroanatomia e neurofisiologia) e a prática neurológica.<sup>3</sup>

Com base nesses dados nacionais, que, apesar de limitado a uma região vão ao encontro de estudos maiores realizados em diversas partes do mundo, observa-se a necessidade de se abordar e incluir a *neurofobia* nas discussões de melhorias do ensino médico atual.<sup>1,3</sup> Nesse contexto, a Academia Americana de Neurologia (AAN) recentemente revisou dados relacionados à educação em neurologia no intuito de estabelecer estratégias para aprimorar essa abordagem.<sup>1</sup>

Essa revisão aborda inicialmente o fato de que o número de neurologistas não acompanha o aumento de casos de doenças neurológicas e grande parcela desses pacientes será atendida por médicos de emergência e de cuidados primários, sem o devido treinamento para a real necessidade do paciente. Assim, a primeira sugestão é a longitudinalidade do ensino da neurologia desde a formação médica até a especialização dos médicos que estarão na linha de frente nos cuidados desses pacientes. Outra estratégia sugerida é uma maior integração entre a neurociência básica e a prática clínica, com uso de discussões em equipe no beira-leito, principalmente entre alunos e residentes, além do uso de tecnologias educacionais para auxílio, quando necessário, considerando por exemplo a limitação de pacientes neurológicos em alguns serviços.<sup>1</sup>

Outro artigo publicado recentemente por autores da Índia ratifica as orientações da AAN afirmando que o principal ponto para cessar a *neurofobia*, o que os autores nomeiam como obter a “neurofilia”, é a aproximação ao máximo do ensino das ciências básicas à clínica, associando a tecnologia atual ao ensino.<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade de São Paulo, Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Ribeirão Preto (SP), Brasil. Autor correspondente: Charles Maroly Lessa Mantovani – Rua Ramos de Azevedo, 423 – CEP: 14090-180 – Ribeirão Preto (SP), Brasil – E-mail: charlesmlmantovani@gmail.com

Recebido em 13/07/2020. Aceito para publicação em 26/10/2020.

Assim, conclui-se que a *neurofobia* é um problema bastante frequente na atualidade e com grande impacto na saúde mundial. Estudos mostram que o mais importante para se combater essa situação é desmistificar a especialidade, tendo como ferramenta principal a melhoria do ensino nas escolas médicas, aproximando as ciências básicas da neurologia clínica ao beira-leito, com auxílio principalmente das tecnologias disponíveis atualmente.

## REFERÊNCIAS

1. Sandrone S, Berthaud JV, Chuquilin M, Cios J, Ghosh P, Gottlieb-Smith RJ, et al. Neurologic and neuroscience education: mitigating neurophobia to mentor health care providers. *Neurology*. 2019;92(4):174-9. <http://doi.org/10.1212/WNL.0000000000006716>
2. Shelley BP, Chacko TV, Nair BR. Preventing “neurophobia”: remodeling neurology education for 21<sup>st</sup>-Century medical students through effective pedagogical strategies for “neurophilia”. *Ann Indian Acad Neurol*. 2018;21(1):9-18. [https://doi.org/10.4103/aian.aian\\_371\\_17](https://doi.org/10.4103/aian.aian_371_17)
3. Santos-Lobato BL, Magalhães AB, Moreira DG, Farias FP, Porto LK, Pereira RB, et al. Neurophobia in Brazil: detecting and preventing a global issue. *Rev Bras Educ Med*. 2018;42(1):119-26. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n3rb20160105>

### Como citar este artigo:

Mantovani CML. Neurofobia: impacto na saúde e estratégias para a prevenção. *Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba*. 2020;22(2):86-7. <https://doi.org/10.23925/1984-4840.2020v22i2a10>